



## **Artigos**

# **Identidade, alteridade e globalização**



## POR UMA RETÓRICA DA IMAGEM: MÍDIA E CULTURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEAS

Ângela Maria Dias\*

**RESUMO:** *Macunaíma e Serafim Ponte Grande: os protagonistas brasileiros da globalização e/ou o vagabundo e o turista, dentro da tipologia de Bauman. A tradição antropofágica da cultura brasileira pensada em confluência com o conceito de herança em Derrida, como operação hermenêutica e tarefa existencial. A "bricolage" transcultural com forma de conhecimento e moldura de criação no Brasil contemporâneo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Antropofagia; herança histórica; globalização.*

Quando os Andrade do nosso Modernismo conceberam seus geniais personagens-viajantes, o *Macunaíma* de Mário e *Serafim Ponte Grande* de Oswald, afinados pela comum plasmação antropofágica e pela extrema mobilidade como condição existencial, certamente não tinham noção da radicalidade profética e da verticalidade alegórica de suas criações em relação aos destinos da cultura brasileira. Seria cômico se não fosse sério, lembrar, como ilustração desta emblemática persistência, uma das hipóteses iniciais de Canclini sobre a América Latina, no seu *Culturas Híbridas* (Canclini, 1989: p. 19), sobre nosso "orgulho de ser pós-

---

\* Universidade Federal Fluminense – UFF, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

modernos há séculos e de um modo singular”, por constituirmos “a pátria do pastiche e da bricolage, onde convivem muitas épocas e estéticas”(Canclini, 1989: p. 19).

Macunaíma, o “herói de nossa gente”, em sua errática peregrinação pelo país, ao contrário do seu criador, Mário, o apaixonado “turista aprendiz” do Brasil, não retém nada, em nada se fixa. Por sua natureza híbrida de herói popular sincrético, costurado pela combinação de fábulas, arquétipos narrativos da tradição e díspares motivos folclóricos é capaz de tudo: protéico e mutável, “troca a própria consciência pela de um sul-americano e se dá bem da mesma forma” (Proença, 1969: p. 15), transregional e desgeografado, lembra-se da sua “querência” no Amazonas (Proença, 1969: p. 15), turbulento e sem medida, constitui o “in-caracterizado” desenho do “herói sem nenhum caráter”, disponível a toda prerrogativa de prazer e descomprometido de qualquer obrigação moral com o próximo. O perfil incerto deste herói, segundo seu autor, constitui uma aguda sátira “sem continuidade” “ao brasileiro em geral... e também ao homem contemporâneo, principalmente sob o ponto de vista desta sem-vontade itinerante.” (Andrade *apud* Campos, 1973: p. 67-8).

Justamente por este viés, podemos aproximar o personagem em questão, bem como o seu companheiro Serafim, considerado por A. Candido o Macunaíma urbano, da tipologia de Z. Bauman inerente ao nomadismo atual do mundo globalizado, em que “a mobilidade torna-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado,” e a anulação tecnológica das distâncias espaço-temporais cria dois paradigmas de comportamento: o turista e o vagabundo. Cada um deles num pólo oposto “da nova hierarquia da mobilidade”: O primeiro, flanando nas alturas do admirável Primeiro Mundo dos “globalmente móveis”(Bauman, 1999: p. 96), onde o espaço real ou virtual dilui a anterior geografia e desmaterializa fronteiras e distâncias. O segundo, habitando no antigo império das limitações espaciais e das divisões e acidentes geográficos, em

